



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16592 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

O BRINCAR DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM ELEMENTOS DA NATUREZA NO PARQUE

Kátia Adair Agostinho - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Maristela Della Flora - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

O BRINCAR DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM ELEMENTOS DA NATUREZA NO PARQUE

Esta pesquisa em nível de mestrado teve como objetivo analisar o brincar das crianças com elementos da natureza no parque. Foi desenvolvida em uma instituição de Educação Infantil da rede pública de Florianópolis, com um grupo de 21 crianças de 4 a 6 anos. Para tanto, realizamos uma etnografia que teve as crianças como principais informantes da pesquisa, utilizando procedimentos de observação participante, registros de campo escritos e fotográficos. A pesquisa demonstrou que as crianças têm interesse nos elementos naturais encontrados no parque, os mesmos favorecem e qualificam a imaginação e as brincadeiras. O espaço do parque possibilitou o acesso a diferentes elementos naturais permanentes, em constante transformação, e outros intermitentes e novidáveis, enriquecendo brincadeiras criativas, autônomas e mais soltas, que envolvem movimentos mais amplos. O estudo reitera o entrelaçamento da brincadeira e da imaginação como constitutivas no processo de humanização e considera as unidades de Educação Infantil como espaços públicos que acolhem crianças de diferentes realidades sociais, que devem possibilitar para as crianças diferentes vivências com os elementos da natureza, que têm sido cada vez mais raras, pois a indústria da mercadoria, do plástico, do descartável tem entrado com toda força também nas instituições educativas.

Palavras-chave: Crianças. Elementos da Natureza. Parque. Educação Infantil. Brincadeira.

Este texto é parte de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar o brincar das crianças com elementos da natureza no espaço do parque, em uma instituição de Educação Infantil da rede pública de Florianópolis, com um grupo de 21 crianças. Reiteramos

nossa compreensão de que o ser humano é natureza, assim evitamos incorrer na dicotomia clássica da modernidade – natureza x cultura –, com sua obsessão pelo consumo e progresso, inacessível para a grande maioria da população, que nos desconecta da Vida, intensifica as desigualdades e as problemáticas ambientais.

Assim, o estudo enfrenta o binômio natureza x cultura, pela necessidade de transcendermos essa separação, defendendo a consciência e sensibilidade em relação aos impactos que nós seres humanos temos causado ao planeta e a urgência de cuidar e preservar as diferentes formas de Vida. O pensamento moderno impôs uma separação, em que a natureza é concebida como inacabamento, falta, selvageria, para exploração e a cultura compreendida como civilidade, como progresso da humanidade, da racionalidade, dos valores e da moral, apartando os humanos da natureza.

A natureza aparece no sistema capitalista como objeto, serve para a produção de mercadorias, para dominar e explorar, degradando seus recursos visando o lucro. A ânsia de consumo produziu o quadro degradante que estamos vivendo, criando a crise ambiental e a desigualdade social desmedida, comprometendo a Vida. Essa dicotomia entre natureza e cultura, sujeito e objeto, mente e corpo, foi também determinante nos procedimentos e metodologias da constituição da escola no decorrer dos séculos. Esse processo contribuiu para a disseminação e conservação dessa proposição embasada em uma cultura ocidental, colonizadora e dominante. Buscando sua superação, Tiriba (2010) propõe uma Educação Ambiental desde a primeira infância, enquanto um processo que religa o ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida.

Com a compreensão de que vivemos em uma sociedade complexa e imbricados em uma cultura dualista, entende-se que muitos são os desafios que precisamos enfrentar no sentido de conseguirmos superar binômios que se fazem presentes para conseguirmos reconhecer as crianças “[...] como uma multiplicidade de “naturezas-culturas”, isto é, como uma variedade de híbridos complexos constituídos por materiais heterogêneos (biológicos, sociais, individuais, históricos, tecnológicos, espaciais, materiais e discursivos...)” (Prout, 2008, p. 15). Enquanto profissionais de Educação Infantil precisamos ter atenção na condição natureza-cultura desde bebês, momento da Vida do ser humano em que a natureza se apresenta de forma mais expressiva e potente, para que nossas práticas educativo-pedagógicas confirmem a compreensão dos humanos como seres de natureza e cultura imbricadas. Tiriba (2010) nos convida a enfrentar um dos desafios da Educação Infantil, o de desemparedar as crianças, em uma perspectiva de buscar o espaço externo como forma de escapar do sistema que aprisiona a forma de ser criança.

Assim, o foco da pesquisa no parque se deu pela variedade de elementos naturais que o constituem, além de estar aberto ao imprevisível. É fundamental destacarmos nossa defesa de que a conexão da criança com elementos da natureza aconteça em todos os espaços e tempos da instituição e para além dela, o foco no parque se deu porque nele podemos presenciar a maior presença de elementos naturais, a imaginação das crianças com elementos

que não têm forma definitiva e que proporcionam diversas criações, constituindo-se como espaço de liberdade e partilhas mais plurais.

A etnografia foi o caminho metodológico eleito para o estudo e nela buscamos a aproximação com o campo e, principalmente, o encontro *com* as crianças. Ao possibilitar essa aproximação, a etnografia, como suporte teórico metodológico, adensa os estudos para realização de pesquisas *junto e com* as crianças para pensar uma Pedagogia mais sensível e conectada com a Vida. Diferentes autores refletem sobre pesquisas com crianças tendo a etnografia como escolha metodológica em seus estudos (Magnani, 2002; Ferreira, 2004; Sarmento, 2010; Agostinho, 2016) e corroboram com essa perspectiva.

A etnografia nos provoca a olhar para os contextos com *atenção* no intuito de gerar dados *com* o campo. Para tanto, diferentes instrumentos foram utilizados: a observação participante, o diário de campo com registros diários e a fotografia. Sobre a fotografia, consideramos que a mesma permite aproximação aos mundos infantis, auxilia na observação mais acurada e detida, possibilitando em sua materialidade buscar elementos das vivências das crianças para melhor aprender sobre elas em seus contextos. A fotografia como inspiração está também em outras pesquisas: Caputo (2001), Agostinho (2010), Lima e Nazário (2014), ela colabora e compõe com elementos imagéticos, estéticos reflexivos para constituição do texto escrito. Faz deslocar da ideia de ser apenas um arquivo-visual, pois “a ideia de que o saber carrega um arquivo-visual nos faz libertar de um aprisionamento da escrita como única fonte viável na produção de conhecimento” (Lima e Nazário, 2014, p. 496).

No percurso da pesquisa muitas coisas foram acontecendo e, no movimento de ir e vir, a pesquisa foi se assentando, desvelando-se e desnaturalizando ideias preconcebidas, o que pensávamos ser a “verdade”. Alguns questionamentos foram sendo contemplados, outros surgiram na medida em que adentramos o campo. Questões como: O que observar? Como focar nosso olhar? É necessário focar um olhar intencional para entender as ações das crianças no espaço do parque, construindo um olhar observador, reflexivo e cuidadoso, desenvolvendo maneiras próprias para a observação, criando estratégias para identificar potencialidades e fragilidades. Quando chegam ao parque, quais as (re)ações das crianças? Quais elementos buscam e com quais interagem? Como é o repertório imaginativo das crianças?

Esse processo de pesquisa torna possível mudar a forma de observar, pensar e estar no mundo. Mudar o olhar requer ver os detalhes com atenção, e nos afeta – no caso com as crianças, reconhecendo-as em seu grupo geracional, a observação do seu brincar com elementos da natureza como forma de compreender a perspectiva das crianças, suas experiências, significações e imaginações do brincar no espaço do parque como um lugar de encontros, cuidados e descobertas.

No estudo as categorias de análise, compreendidas no seu entrelaçamento, são: i) *Brincar entre areia e folhas... Comidinhas*; ii) *Brincar de Ser Animais... os cuidados e os*

afetos; e, iii) Brincar ao vento... Movimento. Elas surgiram do encontro entre os objetivos da pesquisa e o contexto, em que buscamos refletir acerca dos encontros *com as crianças e suas diferentes relações com os elementos da natureza no parque*, exigindo uma imersão constante na pesquisa, nem sempre fácil, muitas vezes acompanhado de tensões, angústias, inseguranças, mas que nas relações então constituídas, vai se assentando de forma que vamos apreendendo o modo de estar naquele lugar, a ver, observar, escutar o que foi dito e o não dito, as nuances e diferentes narrativas presentes nesse processo.

Brincar entre areia e folhas... Comidinhas. No decorrer da pesquisa, a brincadeira mais observada foi a de fazer comidinhas, em que as crianças eram atraídas pela areia. Nela juntavam outros elementos encontrados no parque, como folhas, abacate, gravetos, pedras, sementes, entre outros. As *comidinhas* possibilitam a relação corpórea da criança com o modelar, construir e transformar esses elementos em infinitas possibilidades, em um contato direto e intenso com o elemento terra. Desse modo, a criança procura utilizar-se de tudo que está à sua volta, e a partir dos elementos encontrados vai se relacionando consigo mesma e com o ambiente, numa relação dialógica – de si e com os outros, na contemplação e descoberta do mundo.

Brincar de Ser Animais... os cuidados e os afetos. Nessa categoria tratamos de algumas brincadeiras das crianças em que representavam os cuidados e afetos com os animais, diversas vezes observamos nas brincadeiras das crianças o quanto elas brincam de ser, estar e cuidar de animais. Compreendemos que as ações de cuidado e afeto se encontram envolvidas na constituição da Vida das crianças, que apenas chegadas ao mundo necessitam, desde bebês, de diferentes cuidados e afetos que envolvem provisão, proteção, carinho, atenção, etc de modo que implica o eu na sua relação com o mundo. As brincadeiras das crianças de cuidado e afeição possibilitam compreender a importância dessa dimensão nas relações cotidianas, imbricadas numa relação recíproca de quem cuida e quem é cuidado e que pulsa no calor das emoções.

Brincar ao vento... Movimento. Nos momentos em que as crianças saíam da sala para brincar no parque, o movimento dos corpos ganhava toda a potência para desbravar e se aventurar pelo espaço. Era como se estivessem *soltas ao vento*. Seus corpos indicam a necessidade dos movimentos mais amplos, de estar do lado de fora, demonstrando desejos de liberdade e a expressão da alegria. Durante as observações fomos percebendo a intensa manifestação das crianças em se movimentar de forma ampla. Ao correr para o parque onde podiam escolher onde, com quem e de que brincar, era nítida a expressão de entusiasmo e alegria em seus corpos que, sorridentes e saltitantes, saíam em diferentes direções para *brincar ao vento* – acentuando o sentido de que o ar dá o fundamento da própria existência. O fôlego da Vida!

Consideramos pertinente e necessário alargar a discussão sobre políticas públicas que concretizem documentos e estudos sobre essa temática, perspectivem e assegurem condições concretas de trabalho como formação docente, espaços e materialidades, etc para a efetivação

das vivências e conexão criança e/é natureza. Implica refletir sobre como se dá o orçamento nas instituições, no sentido de pensarmos sobre as especificidades, os contextos, a escolha e manutenção de brinquedos e materiais diversos, os acessos aos espaços públicos nas cidades, parques, praças, praias, flora, fauna entre outros.

É importante que a ação pedagógica, embasada em conhecimentos críticos e reflexões teóricas fundadas na defesa da Vida, reconheça a criança na multiplicidade de “naturezas-culturas”. A docência, nessa perspectiva, proporciona às crianças diferentes vivências como forma de conhecer e criar vínculos atentos e sensíveis ao seu entorno, de forma fluida e lúdica. Que possamos garantir às crianças o direito a brincadeiras em espaços mais abertos e amplos, para que em suas vivências possam reconhecer outros modos de existência de Vida, a fim de conectá-las consigo mesmas, em conexão com outros seres, com vistas à construção de um novo mundo que respeita, reconhece, cuida e zela pela proteção da biodiversidade.

Reiteramos e defendemos o espaço do parque – e para além dele – como um lugar potente na constituição de diferentes cenários para as brincadeiras das crianças, pois possibilita diferentes vivências comuns na infância e em contato com diferentes elementos, que têm sido cada vez mais raros, pois a indústria da mercadoria, do plástico, do descartável, tem entrado com toda força também nesses espaços. Bem como, que as crianças tenham garantido seu direito de brincar, imaginar, movimentar-se, encantar-se e que na sua constituição enquanto seres humanos possam apreender o verdadeiro sentido do respeito, do cuidado e da empatia, no sentido das pluralidades de Vida.

Referências:

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação da criança na educação infantil**. 2010. 349f. Tese (Doutorado em Sociologia da Infância) – Universidade do Minho, Braga, set. 2010.

_____, Kátia Adair. Etnografia com crianças: quatro atos de uma vivência. In: **Reunião Científica Regional da ANPED**, 11., 2016, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: UFPR, 2016.

CAPUTO, Stela Guedes. Fotografia e pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, jul./dez. 2001.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **A gente gosta é de brincar com os outros meninos: relações sociais entre crianças num jardim de infância**. Porto: Afrontamento, 2004.

LIMA Patrícia de Moraes; NAZÁRIO, Roseli. Sobre a luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças. **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 491-509, jul./dez. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, v. 17, n. 49, jun. 2002.

PROUT, Alan. Culture-nature and the construction of childhood. In: Kirsten Drotner; Sonia Livingstone (ed.). **The International Handbook of Children, Media and Culture**. SAGE

Publications Ltd., 2008. DOI <http://dx.doi.org/10.4135/9781848608436.n2>

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (org.). **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003. p. 137-179.

TIRIBA, Lea. Crianças da natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., Belo Horizonte, nov. 2010. Anais [...]. Belo Horizonte, 2010.